

INTRODUÇÃO

Freud servia-se do humor nos seus textos e na vida. Em 1938, na época de deixar a Áustria dominada então pelo nazismo, após a prisão e interrogatório da sua filha Anna, Freud foi obrigado a assinar um documento para a Gestapo a dizer que não havia sofrido de maus-tratos. Após o assinar, ele acrescentou do seu próprio punho: «Posso recomendar vivamente a Gestapo a todos.» Esta tirada de humor foi, no início, interpretada por Gay, o seu biógrafo, como uma tentativa inconsciente de suicídio, uma vez que a ousadia do médico vienense punha em risco a sua própria vida, caso as autoridades nazis reconhecessem ali uma fina ironia. Contudo, num segundo tempo, o mesmo Gay reconhece que esta atitude demonstrava uma grande coragem e vitalidade de Freud, bem como o seu senso de humor irreprimível.

Neste *Vertigem*, procuramos explorar o lugar e as várias funções do humor na relação analista-analisando e no campo transfero-contratransferencial. O tema agora proposto insere-se na Psicanálise contemporânea e reflete a dimensão da «humanidade do analista», nomeadamente na medida em que as experiências de humor presentes na relação podem ser perspectivadas na linha da defesa do paciente e da perda da abstinência do analista ou, em alternativa, como um contributo fundamental para o aprofundamento da aliança terapêutica, do sentimento de partilha e também do desenvolvimento da compreensão do paciente sobre si mesmo.

Tiago Chagas, Pedro Job e Sofia Vilar Soares foram os colegas convidados a apresentar as suas reflexões acerca do tema.